

CONTAR HISTÓRIAS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO INFANTIL E AO DESPERTAR DO GOSTO E PRAZER PELA LEITURA

Acreciana de Sousa Melo¹

Maria Lúcia Pessoa Sampaio²

Diana Maria Leite Lopes Saldanha³

Resumo:

A contação de histórias é uma arte inestimável, que contribui de forma eficaz para o desenvolvimento cognitivo das crianças, aguça sua curiosidade e revigora suas relações afetivas e sociais. Este trabalho tem como objetivo apresentar a contribuição da contação de histórias para o desenvolvimento infantil e o despertar do gosto e prazer pela leitura. Trata-se de uma pesquisa pautada na revisão da literatura, respaldada em autores que trazem significativas contribuições ao tema, em que propomos uma reflexão sobre as práticas pedagógicas a ele relacionadas. Os resultados indicam que o ato de contar histórias, de forma lúdica e criativa, deve ser tarefa privilegiada no contexto da educação infantil, como estratégia favorável ao despertar do gosto pela leitura e ao desenvolvimento de diversas habilidades, no campo social, afetivo, emocional, psicológico e cognitivo das crianças.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Gosto pela Leitura. Desenvolvimento Infantil.

¹ Mestranda em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Psicopedagogia, pela Faculdade Integrada de Patos (FIP). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Católica do Cariri (FACC). Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Vale do Acaraú (UVA). Especialista em AEE e Educação Inclusiva pela Faculdade FAVENI. Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atualmente é professora em Sala de Recurso Multifuncional com o Atendimento Educacional Especializado na rede municipal de ensino, em Crato - CE. Atua também como Psicopedagoga Clínica. Email: acrecianamelo@yahoo.com.br

² Graduada em Pedagogia (1987-1992) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com Especialização (1998-1999), Mestrado (2000-2002) e Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2002-2005). Pós-Doutorado no *Laboratoire d'Etudes Romanes*, na *Équipe de Linguistique des Langues Romanes na Université Paris 8, France* (2010-2011). Professora aposentada como adjunto IV do Departamento de Educação. Foi bolsista de Produtividade em Pesquisa/UERN (2007-2013). Email: malupsampaio@hotmail.com

³ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (1998). É especialista em Formação do Educador (2001) e em Literatura Infante-Juvenil (2008) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mestrado em Educação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, na linha de Pesquisa Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente (2013). Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, na Linha de Pesquisa: Educação, Comunicação, Linguagem e Movimento. Professora Adjunto IV do Departamento de Educação do Campus de Ferros da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE/UERN), Mestrado acadêmico. Email: dianalsaldanha@yahoo.com.br

TELLING STORIES: A CONTRIBUTION TO CHILD DEVELOPMENT AND AWAKENING A TASTE AND PLEASURE FOR READING

Abstract:

Storytelling is an invaluable art that contributes effectively to children's cognitive development, heightens their curiosity and invigorates their affective and social relationships. This work aims to present the contribution of storytelling to child development and the awakening of the taste and pleasure for reading. It is a research based on the literature review, supported by authors who bring significant contributions to the theme, in which we propose a reflection on the pedagogical practices related to it. The results indicate that the act of storytelling, in a playful and creative way, should be a privileged task in the context of early childhood education, as a favorable strategy to awakening the taste for reading and the development of various skills, in the social, affective, emotional, psychological and cognitive of children.

Keywords: Storytelling. Taste for Reading. Child Development.

Introdução

Atualmente, na era da tecnologia digital, as informações chegam por diferentes meios às crianças, os quais são bem diferentes daqueles de algum tempo atrás, destacando-se a internet, o celular e as redes sociais. Entretanto, compreendemos que o ato de contar e ouvir histórias permanece como valor inestimável, seja usando de forma restrita o próprio livro ou através da criatividade na forma especial e pessoal de narrar. Evidenciamos, através das nossas experiências como docentes e dos nossos estudos, que as crianças gostam muito desse tipo de atividade, cujos sinais mais aparentes são o brilho nos olhos e o sorriso, que iluminam os seus rostos ao se encantarem e se envolverem, como sujeitos ouvintes e leitores, com o clima que as histórias contadas despertam.

Diferentemente da televisão e do computador, que exibem na tela quase tudo já pronto, um bom conto abre as portas para a criança fantasiar, criar e recriar o seu próprio mundo, além de viajar na imaginação e conhecer outras múltiplas dimensões do saber. Conforme Sisto (2012), a reprodução operada pelos meios de comunicação muitas vezes “impede o livre exercício da imaginação criadora” (SISTO, 2012, p. 32). Por isso, a atividade de contar histórias oralmente deve ser sempre priorizada no âmbito da educação infantil, pois significa também uma forma de preservar o mundo imaginário das crianças.

À vista disso, inquieta-nos a forma como familiares e demais formadores e agentes culturais trabalham a leitura, numa prática comumente observada nos nossos espaços profissionais. Em geral, realizam essa atividade não como uma estratégia lúdica e prazerosa, mas como uma prática exaustiva, frequentemente associada à apropriação de conceitos ou a conteúdos escolares. Muitos educadores até contam histórias, porém nem todos buscam qualificação técnica a fim de aperfeiçoar o seu desempenho, o que pode provocar um desprazer e, em consequência, a falta de atenção das crianças. Ou seja, percebemos uma dificuldade na relação de alguns desses agentes formadores para com o texto literário e a responsabilidade na formação de leitores.

Nesse contexto, observamos que a literatura infantil e a ação de contar histórias ainda não recebe a atenção merecida, sendo que, seguindo o pensamento de Villardi (1999), compreendemos que essa prática deve ocupar lugar prioritário em meio ao trabalho desenvolvido na escola, fazendo-se presente no cotidiano escolar, de forma sistemática e organizada pedagogicamente, como uma ação de encantamento.

Pensando nisso, consideramos importante discutirmos acerca da relevância do ato de contar histórias para crianças, listando alguns dos seus benefícios para o desenvolvimento infantil e para o despertar do gosto e prazer pela leitura.

Assim, o interesse em desenvolver uma pesquisa bibliográfica sobre esta temática surge do desejo de disseminar o prazer pela arte de contar histórias, bem como de estimular o gosto pela leitura, reativando a sua importância, tendo em vista ser este universo um campo repleto de riquezas e que muito nos contagia. Conforme palavras de Coelho (2006), “é preciso levar a sério algo que provoca relevante impressão e exerce grande influência sobre as crianças” (COELHO, 2006, p. 9).

A pesquisa relaciona-se também com as nossas experiências profissionais, por meio das quais tivemos a oportunidade de ampliarmos conhecimentos teóricos e enriquecermos a nossa forma de ver a leitura, aperfeiçoando as nossas práticas. Desse modo, sentimo-nos instigadas a pesquisarmos de forma mais aprofundada sobre o tema, a compartilharmos conhecimentos e a buscarmos estratégias significativas, tendo em vista já contribuirmos de forma satisfatória para o desenvolvimento dos nossos alunos.

Nessa perspectiva, reconhecemos a relevância da temática em questão, visto que a contação de história se configura como estratégia positiva frente ao incentivo do gosto pela leitura e ao desenvolvimento infantil; tanto as pesquisas como as nossas experiências evidenciam que essa ação, além de encantar, possibilita o despertar de diversas habilidades e a construção de aprendizagens e valores.

Definimos como percurso metodológico a abordagem qualitativa, pautada na revisão da literatura, propondo-nos a pesquisar, compreender e interpretar as informações, com base em Fonseca (2012, p. 35). Dessa forma, apresentaremos neste escrito a análise de concepções relevantes acerca da temática, a partir de uma pesquisa bibliográfica, de estudos e análises científicas, agregando conhecimentos sobre o objeto de estudo (BASTOS, 2016). Assim, realizamos uma revisão de literatura de fontes científicas e posteriormente a análise, expressando a nossa compreensão e interpretação sobre os dados colhidos.

Apresentaremos, nas seções seguintes, o referencial que embasa o nosso estudo, mostrando considerações fundamentais à compreensão e reflexão acerca da temática. Dividimos este trabalho em dois tópicos: “A prática da contação de histórias na educação infantil” e “A contação de histórias e sua contribuição ao desenvolvimento infantil”.

A prática da contação de histórias na educação infantil

Uma análise mais cuidadosa e crítica acerca de como acontece o trabalho com a literatura no contexto da educação infantil revela avanços significativos, tendo em vista as evidências das pesquisas realizadas sobre a importância desta prática e sua inserção em documentos relevantes que fundamentam a referida etapa escolar.

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) “[...] a presença da literatura na Educação Infantil introduz a criança na escrita: além do desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo” (BRASIL, 2017, p. 38). De acordo com este documento norteador, a presença da literatura infantil representa uma forma de estímulo à construção de hipótese sobre a escrita, como também cria possibilidades da criança imaginar e alargar sua visão de mundo.

Entretanto, ainda nos deparamos com instituições escolares que reduzem o valor atribuído à literatura infantil, desvalorizando a sua verdadeira essência (AUTOR Y, 2015, p. 41), caracterizada como uma atividade lúdica e prazerosa, a qual leva o sujeito a imaginar, se envolver, se encantar e se emocionar.

Muitos professores limitam o contato das crianças com esse universo ou realizam o trabalho de uma forma mecânica, não gerando uma interação convidativa; realidade esta que demonstra a dificuldade para desenvolver nos alunos, de forma efetiva, o gosto e o prazer pela leitura e assim contribuir para o desenvolvimento de diversas habilidades. Para tanto, é preciso perceber a arte de contar histórias como uma estratégia lúdica, prazerosa e favorável ao desenvolvimento dos aspectos referidos.

Contudo, Moraes (2012, p. 35) ressalva que é preciso cuidado no momento da história para não querer ensinar aquilo que foi estudado, pois assim ela pode equivocadamente se transformar em aula, o que a tornaria enfadonha, pois vale lembrar que a história fala por si.

Nessa perspectiva, compreendemos que os saberes contidos nas histórias podem até serem contemplados, de forma didática, por meio de características relacionadas aos ambientes e personagens. No entanto, as questões relativas à escuta e aprendizagem devem partir dos interesses e curiosidades dos ouvintes.

Contar história não é tarefa fácil. As boas intenções não são suficientes. O estudioso Sisto (2012) afirma que a arte de contar exige preparação inicial, um prévio domínio, estudo e ensaio, para que possa abrir caminhos para a fruição. Nessa perspectiva, o referido autor afirma que:

[...] o ouvinte de uma história experimenta o prazer e a necessidade de voltar ao texto, buscar o livro, se a história tiver sido bem contada. Portanto, não podemos arriscar e desperdiçar essa imensa oportunidade de contar uma história sem que ela esteja minimamente pronta para seduzir o leitor-ouvinte (SISTO, 2012, p. 46).

Dessa afirmação, infere-se que a contação de histórias deve provocar emoções nos ouvintes e, para isso, é preciso que o contador evite os gestos corriqueiros e mecânicos e abra espaço para o lúdico, investindo em expressões gestuais mais criativas, assim a contação tende a ser mais instigante e atrativa.

Portanto, para narrar com propriedade o narrador precisa levar em consideração aspectos técnicos e formais, fatores emocionais, além de muito treino. Dessa forma, nós professores precisamos fazer da literatura infantil uma atividade criativa, na qual os alunos se sintam estimulados a ouvir e a construir e reconstruir sentidos. Quem conta deve abrir espaço para o ouvinte se envolver e recriar.

Busatto (2011) aponta que ao narrar uma história o contador deve também evitar ser sintético, pois a síntese oculta o encanto da história ao omitir detalhes, os quais funcionam como construtores do imaginário e do deleite nos ouvintes. Logo, o enriquecimento da história com descrições detalhadas é fundamental para proporcionar envolvimento e encantamento, bem como para dar asas ao pensamento simbólico da criança, por meio das atividades elaboradas em seu imaginário.

Outro ponto que merece ser levado em consideração se refere à faixa etária dos ouvintes. Segundo Moraes (2012) isso implica a observação quanto à escolha da história, os interesses daqueles que irão ouvir, suas condições socioeconômicas, os recursos utilizados, o tempo de duração, bem como a construção linguística na forma de narrar, sem com isso descaracterizar o texto original. Cabe lembrar que por mais simples que a história seja, ela requer uma adaptação, tendo em vista facilitar a sua compreensão e torná-la mais dinâmica e acessível.

É fundamental conhecer os alunos para evitar histórias que estejam muito além do seu desenvolvimento ou, do contrário, que sejam pouco desafiadoras. É preciso selecionar contos que possam dar ordem à fantasia, para despertar-lhes o prazer. Desse modo, reconhecemos a importância de termos clareza quanto aos aspectos envolvidos no ato de contar histórias e de relevarmos o desenvolvimento de técnicas adequadas ao momento e ao público, para que essa prática tenha um bom desempenho.

Considerando todos esses fatores, Villardi (1999) nos faz refletir acerca da importância de desenvolvermos nos nossos alunos o gosto pela leitura, o que é diferente do hábito. Para a autora é dever da escola criar situações que incorporem a leitura à vida dos alunos, por isso nos convida à seguinte reflexão:

[...] a solução seria inverter a ótica, ou seja, deixar de investir no hábito – que é o que a escola faz quando obriga a ler [...] – e investir no gosto, no prazer,

numa predisposição que se realimentasse, por ela mesma, a cada leitura.
(VILLARDI, 1999, p. 35)

Para conseguirmos isso, essa descoberta do prazer, defendemos a ideia de que o professor necessita se preocupar com os aspectos lúdicos e diferenciar a atividade de leitura daquelas que normalmente se faz na escola, de forma que o aluno a visualize como algo especial.

Percebemos, pois, a responsabilidade do educador diante do trabalho com a leitura. Faz parte de suas atribuições estimular esse gosto pelo ato de ler, e uma alternativa significativa é justamente por meio das contações de histórias que emocionam, que falam aos sentidos e que permitem ao aluno descobrir aquilo que está escondido por trás da narrativa.

Diante dessa discussão, o professor deve ser um facilitador da relação entre texto e leitor, o que requer a oferta de caminhos possíveis de serem percorridos por meio da descoberta e da curiosidade (AUTOR Z, 2013). Nesse sentido, os professores exercem um papel fundamental no processo de mediação da formação dos alunos, pois com seu auxílio eles conquistam novos saberes, despertam a curiosidade e constroem, progressivamente, formas de pensar, agir e sentir. Por isso, o educador deve ser um inspirador e também demonstrar em suas ações a importância que atribui à leitura.

A contação de histórias e sua contribuição ao desenvolvimento infantil

Sabemos que, na atualidade, a prática de contar histórias é proposta por intermédio de diversos meios como televisão, computador, celular, entre outros recursos da tecnologia. Contudo, embora sejam importantes e facilitadores do acesso a este universo, não proporcionam as mesmas emoções provocadas pela história narrada presencialmente, em que se destaca o prazer de realizar uma atividade conjunta, potencializando-se o exercício da capacidade de ouvir e se envolver. Nesta concepção, Piletti, Rossato e Rossato (2017) pressupõem que:

Ao ler uma história para a criança estamos fomentando o relacionamento, o estar com outras pessoas, olhar para elas, para a sua expressão, seus

gestos, e decifrá-los, conhecer o significado e dar seu “próprio” sentido ao livro, provocando a vivência de aventuras emocionantes, em que se é herói, em que se pode reconstruir a história contada, a sua própria história. Novos mundos se constituem, criando possibilidades de ser e não ser, de fazer e não fazer, de ir e voltar para qualquer lugar (PILETTI, ROSSATO e ROSSATO 2017, p. 140).

As histórias lidas ou contadas presencialmente, propiciam o incremento das relações sociais, algo de suma importância, principalmente nesta era em que a interação entre seres humanos acaba sendo limitada em virtude das influências impostas pela tecnologia da comunicação e da informação. Além disso, possibilitam o ato de socializar, imaginar, criar, recriar, interpretar, dar sentido e significado àquilo que se ouve.

Isso nos dá margem para salientarmos a questão da interação social, defendida pela teoria interacionista de aquisição da linguagem elaborada pelo teórico Vygotsky, a qual destaca a importância do outro e da função social da fala, pois, segundo o autor, “a criança começa a perceber o mundo não somente através dos olhos, mas também através da fala” (VYGOTSKY, 1991, p. 25). Desse modo, as interações sociais e a fala tornam-se essenciais no desenvolvimento cognitivo das crianças.

Destacamos também a relevância do contato com livros como contributos ao desenvolvimento humano, impactando na formação psicológica e intelectual. O contato com os livros e com as narrativas pode ser incentivado desde cedo e pensado conforme as diferentes faixas etárias. Esta é uma estratégia significativa para provocar nos alunos o gosto e interesse por ler, ouvir e contar histórias, bem como permitir a manifestação de diferentes sentimentos e impulsionar descobertas sobre o mundo em que vivem, suas realidades e desafios.

Para as crianças menores, podemos possibilitar a exploração do livro por meio de diversas experimentações como pegar, morder e puxar, pois neste momento a criança irá interagir com o livro à sua maneira. Já que “[...] o gosto pela leitura deve ser incentivado desde cedo, também cabe aos professores [...] mediar o contato de seus alunos com a leitura literária” (Autor Y, 2015, p. 25). Isto é, mesmo que seja importante a exploração espontânea do livro pela criança, isso não dispensa a

mediação do adulto, fazendo-a compreender a função da obra literária, mostrando os elementos que a compõem, como a história, os personagens e ilustrações.

À medida que a criança vai crescendo novos interesses e curiosidades vão surgindo. Logo, os livros e as histórias devem conter elementos que chamem a sua atenção e permitam-lhe fazer novas descobertas. Ao refletirmos sobre essa questão, ressaltamos o que nos afirma Martins acerca da noção de leitura:

[...] o ato de ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, as várias culturas; incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica (MARTINS, 2007, p. 29).

Assim, reconhecemos a importância que a leitura tem para a vida, para a formação humana e cidadã do indivíduo e para o processo de construção de conhecimentos, pois através dela somos apresentados a um mundo que nos permite encontrar saberes e informações que vão formando a nossa capacidade de pensar e agir. Ao possibilitarmos o contato com livros e contações de histórias, estamos colaborando também para o desenvolvimento da curiosidade da criança, instigando-a a querer conhecer novos livros, novas histórias, novos lugares.

De acordo com Freire (1996), a curiosidade dos alunos é um aspecto muito positivo frente ao aprendizado e desenvolvimento. Para ele, é a curiosidade que nos move, que nos inquieta e que nos insere na busca. Ao instigarmos a curiosidade, alimentamos o imaginário e provocamos o interesse por desvendar os mistérios do mundo.

O ato de contar histórias possibilita ainda o desenvolvimento de diversas outras habilidades, como bem mostra a seguinte afirmação:

A leitura de histórias pode promover o encontro entre a imaginação e o conhecimento, abrir caminhos para a criatividade; colaborar para desenvolver a capacidade de atenção e concentração, de escutar. Desenvolvendo a imaginação, a curiosidade, a criança poderá responder com maior facilidade às diversas situações, às soluções de problemas que se apresentarão durante a vida. (PILETTI, ROSSATO e ROSSATO, 2017, p. 140)

De tal modo, percebemos que contar histórias para crianças vai muito além do encantamento e do lazer. Essa atividade pode, ademais, contribuir para o melhor

desenvolvimento dos alunos, pois um bom conto favorece a memorização, nutre o imaginário, ilumina o nosso mundo interior e possibilita pensar e encontrar a resolução de problemas, internos ou externos, com os quais nos deparamos.

Amarilha (2009) observa ainda a contribuição da leitura oral ao desenvolvimento da linguagem escrita, destacando que “o ritmo das frases, o jogo de sonoridade, a arrumação das palavras são pontos de referência no acesso à escrita” (AMARILHA, 2009, p. 49). Tal afirmação nos faz inferir que as contações de histórias possibilitam o acesso do indivíduo a uma cultura letrada e auxiliam, de maneira lúdica, no processo de alfabetização, visto que na leitura literária os fatos são organizados de modo diferente da linguagem cotidiana.

Os autores Santos e Silva (2016) discutem acerca da importância da história na sala de aula e destacam que “tomar contato com palavras, sons e imagens ativa a imaginação, auxilia na ampliação do vocabulário e no desenvolvimento da competência linguística” (SANTOS e SILVA, 2016, p. 21). Com fundamento neste pensamento, observamos que o contato com histórias potencializa à criança o enriquecimento da linguagem e o desenvolvimento do senso crítico diante dos elementos sociais.

Outro aspecto que merece ser realçado, quanto aos benefícios da contação de histórias, se refere à capacidade que ela tem de despertar emoção, entendida aqui como algo que nos faz expressar sentimentos, como sorrir ou chorar. Por esse ângulo destacamos que “o medo, o pavor, o pânico, a admiração, o encantamento, a reflexão... tudo isso são maneiras de emoção” (SISTO, 2012, p. 42). O texto literário, portanto, oferece uma série de sensações e ilimitadas formas de leitura.

Para Busatto (2012), os contos, “por conterem em sua estrutura elementos simbólicos, criam uma ponte com o inconsciente [...] propiciando à criança conforto e consolo em termos emocionais” (BUSATTO, 2012, p.15). Sob esse ponto de vista, podemos dizer que a leitura de um conto vem ao encontro das fantasias, emoções, desejos ou frustrações das crianças, tendo em vista o seu poder de fazê-las viajar para outros tempos e lugares, reais ou imaginários, e ficarem magicamente envolvidas com os personagens, estabelecendo relações com as experiências vividas.

Diante do exposto, os estudos de Bettelheim (2002) evidenciam que os contos são um verdadeiro aporte psicológico ao desenvolvimento da criança. Amarilha (2009)

também corrobora com esse ponto de vista, ao afirmar que a criança, identificando-se com os personagens, “passa a viver o jogo ficcional, projetando-se na trama da narrativa” (AMARILHA, 2009, p. 18). Nesse sentido, a narrativa desempenha uma função capaz de tranquilizar e assegurar maior equilíbrio emocional, pois através desse envolvimento imaginativo a criança pode vivenciar eventos fantásticos no mundo do faz-de-conta. Interagindo com histórias lidas ou contadas, a criança aprende, se diverte, se envolve, se descobre, se emociona, imagina e ainda desenvolve uma série de habilidades, como criatividade, memória, atenção e autonomia de pensamento.

Ressaltamos, portanto, a necessidade de maior valorização da leitura literária e de contarmos com educadores mais preparados, emancipados e conscientes frente ao trabalho com a literatura na sala de aula, tendo em vista a importância da sua mediação nesse processo, para que se possa provocar nas crianças a descoberta da riqueza dessa arte e a entrada no mundo maravilhoso da leitura, da fantasia, do conhecimento.

Conclusão

Tendo em vista as considerações aqui mencionadas por diferentes atores e autores, esperamos contribuir para que não apenas os educadores, mas também familiares, bibliotecários e outros formadores e agentes culturais compreendam a importância da contação de histórias e reconheçam os benefícios que esta arte proporciona.

Almejamos mobilizar novos debates acerca da temática e que sejam ampliadas e qualificadas as práticas com a leitura literária nos diversos espaços formativos, de forma a tornar este momento especial, principalmente na etapa da educação infantil. É essencial investir mais nesta arte, pois, conforme mencionado, as histórias contadas de maneira lúdica e pedagogicamente organizada estimulam o gosto pela leitura, auxiliam no processo de alfabetização e potencializam o desenvolvimento dos aspectos psicológico, cognitivo, cultural e social das crianças.

Contudo, embora neste ensaio o nosso enfoque seja a educação infantil, ressaltamos que esta prática possa e deva perpassar todos os demais níveis, visto que cada um deles compreende encantos e descobertas que também podem ser vivenciados por meio dos contos literários. Ler, então, pode ser visto como um processo contínuo.

Diante do exposto, consideramos que proporcionar o contato com as narrativas deve ser tarefa privilegiada nos contextos educativos, pois os resultados do nosso estudo evidenciam que a literatura educa, encanta, ensina, estimula e diverte. Portanto, constitui um exercício constante de entretenimento, elaboração, raciocínio, criatividade e construção do conhecimento.

Referências

- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** 8. ed. Petrópolis, Vozes, 2009.
- SALDANHA, Diana Maria Leite Costa. A formação leitora e de mediadores de leitura: uma experiência no Programa BALE. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN/PROPEG, 2013.
- BASTOS, Maria Clotilde Pires. **Metodologia científica**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2016.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. São Paulo: Paz e terra, 2002.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil**. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- _____. **Contar e Encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- FONSECA, Regina Célia Veiga da. **Metodologia do trabalho científico**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

MORAES, Fabiano. **Contar histórias: a arte de brincar com as palavras.** Petrópolis: Vozes, 2012.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques; ROSSATO, Geovanio. **Psicologia do desenvolvimento.** São Paulo: Contexto, 2017.

SANTOS, Fábio Cardoso dos; SILVA, Lucia Uhren Meira. A linguística no processo do contar histórias: Uma contribuição para a neuroeducação. In: SANTOS, Fábio; CAMPOS, Ana Maria (Orgs.). **A contação de histórias: contribuição à neuroeducação.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016, p. 21-39.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias.** 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira.** Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Recebido março de 2021

Aprovado agosto de 2021.